



Editorial

O presente número da Revista de Filosofia Aurora abre-se com a "Apresentação do dossiê Hans Blumenberg", escrita pelo Prof. Olivier Feron, organizador desse dossiê. O primeiro artigo, "Phénomélogie des espaces historiques" [Fenomenologia dos espaços históricos], de Lukas Held, fundado, nomeadamente, nos escritos de juventude de Blumenberg acerca "da filosofia e da teoria da história", reconhece a recorrência a alguns termos de difícil compreensão e o "recurso a uma metáfora espacial" para explicação do fenômeno histórico. Para tanto, detém-se nos conceitos de *metacinética* e de fenomenologia da história. A finalidade é a identificação de um "fio condutor na primeira fase do trabalho de Blumenberg (até 1970)", em que fora tratado o "problema da historicidade da existência", o "papel da metáfora para uma história dos conceitos", o "fenômeno técnico" e o "estatuto da modernidade". Held procura recompor "o elo entre história intelectual e fenomenologia do espaço". Para tal, mantém-se atento ao conceito "simultaneamente histórico e antropológico de *Spielraum* para mostrar o lugar das metáforas da espacialidade", de modo a intentar a "reformulação da metodologia historiográfica", a partir de Blumenberg.

Em seguida, Pedro García-Durán assina "El mundo de lo más o menos insignificante: de la racionalidad de conceptos y metáforas en Hans Blumenberg", que mostra a compreensão da racionalidade implícita na metáfora e no conceito, convertida em uma faculdade de elaboração e de construção da "significativade". Recorre, inicialmente, à origem da "metaforologia como disciplina auxiliar da história conceitual no contexto das discussões institucionais", à maneira como tiveram ocasião na Alemanha, entre os anos cinquenta e sessenta.

Em seguida, aborda os motivos de sua “transformação em teoria da inconceituabilidade e de seu alijamento da disciplina” — alijamento ocorrido na década de setenta — e seu reflorescimento na forma de refundação. García-Duran assegura que “por meio da descrição desse decurso é possível compreender as verdadeiras implicações filosóficas da metáfora na obra de Hans Blumenberg”, seja em sua dimensão histórica, seja antropológica. Por fim, com algumas recorrências à obra póstuma *Theorie der Unbegrifflichkeit*, procura-se “compreender como a reivindicação filosófica da metáfora e do mito aparelhada a ela” ocorre sem a impugnação da racionalidade, com os aportes necessários.

Na sequência, o artigo “Ethos kantiano e funcionalização da história em Hans Blumenberg”, de autoria de Olivier Feron, cuida, inicialmente, da constatação de que o “historicismo assumido por Hans Blumenberg” fora por vezes “interpretado como método aplicado à história da filosofia”, sobremaneira no tocante à análise dos tempos modernos. Porém, o artigo “propõe uma leitura complementar que faz dessa fenomenologia histórica a expressão de uma *prática ética* da filosofia”. Sem perder de vista a “desconstrução do conceito de teleologia”, que encontrara “em Kant sua inspiração prática”. Lembra que — ao receber “o prêmio Kuno Fischer em 1974 — Hans Blumenberg pode traçar os principais eixos do seu pensamento, ao mesmo tempo que rendia uma homenagem a Ernst Cassirer”. Porém, não se pode minimizar tal homenagem a uma “cortesia de circunstância”. Ao contrário, ao evocar o pensamento e a filosofia de Cassirer, Blumenberg introduzira uma “intenção programática: ao mesmo tempo que realizava uma análise crítica sobre o seu pensamento; mostrando-se como devedor da obra cassireriana inscreveu seu próprio projeto filosófico numa tradição radicalmente crítica”. Assim, Blumenberg retoma “de raiz a relação que a filosofia mantém com sua própria história, com a ciência e com sua própria finalidade”, objeto de parte da análise proposta pelo artigo.

Em seguida, o artigo “Les entrées de Wittgenstein dans le *Sorties des cavernes*” [As entradas de Wittgenstein nas *Saídas das cavernas*], de autoria de Denis Trierweiler, investiga a “relação específica que Hans Blumenberg mantém com a filosofia de Ludwig Wittgenstein”. Sob o diapasão de “similitudes profundas e o ponto de divergência” entre

os dois pensadores, o artigo articula a “noção de *começo* tomada como generalidade”, de modo a assegurar a “transição para os conceitos de tempo, de consciência e de lembrança”. Inevitável a remissão ao “*começo*” da obra proustiana *Em busca do tempo perdido*, que “permite captar a importância filosófica da lembrança no pensamento de Wittgenstein”. Nesse ponto de inflexão aparecem com “mais clareza as similitudes profundas e o ponto de divergência”. Contudo, como escreve Trierweiler, se Hans Blumenberg lembra uma sinfonia clássica, que “toca todas as tonalidades da história do pensamento”, Wittgenstein é “aquele que não teria podido fazer muito relativamente a tudo quanto o precedeu”. Contudo, segundo Trierweiler, “os dois percursos existenciais totalmente votados à filosofia juntam-se e harmonizam-se em total concordância”.

A adensar mais ainda o dossiê, o artigo “Animal/Humano: Plessner, Blumenberg, Derrida”, escrito por José Luis Villacañas Berlanga, explora “o último pensamento de Jacques Derrida” no tocante à diferença antropológica e à questão do animal. Tal exploração tangencia “a mesma questão no pensamento de Hans Blumenberg”, desdobrada de seu último livro *Beschreibung des Menschen*. Villacañas-Berlanga afirma que o fim último do ensaio “é o de reunir a crítica inicial que ambos pensadores”, juntamente com Plessner, interessado no mesmo tema, puderam operar guiados pelo pensamento de Heidegger acerca da diferença ontológica. Para mostrar a relevância do tema/problema do ensaio em pauta, basta recordar que, recentemente, sob sofisticada análise, Agamben cuidou dele, na obra *O aberto: o homem e o animal*.

Felix Heidenreich assina “Political aspects in Hans Blumenberg’s philosophy” [Aspectos políticos na filosofia de Hans Blumenberg]. Para o ensaísta, o trabalho do filósofo do pós-guerra tem sido intensamente lido nas esferas universitárias alemãs, “traduzido para o Inglês, o Francês e o Espanhol, discutido em livros, artigos e conferências de Berlim, Heidelberg e Paris a Jerusalém”. Afirma também que as “publicações dos seus arquivos são aguardadas com expectativas por anos continuados”, pois podem esclarecer controvérsias com figuras como Carl Smith, Hans Jonas, Jacob Taubes e Hannah Arendt. O que parece mostrar que “aspectos políticos de sua filosofia foram esquecidos,

ou mesmo, sistematicamente ocultados”, juntamente com os debates acerca das teorias da modernidade, do mito e da metaforologia, em suas “implicações e ramificações políticas”. Com a ressalva de que “a exclusão *a priori* dos argumentos e das ideias republicanas aponta para um problema sistemático no pensamento de Blumenberg, pois, resiste à aparência de que todo seu pensamento permanece enquadrado como “filosofia do sujeito”, mesmo que “as suas primeiras publicações permitam “uma certa crítica da ideologia” a partir da metaforologia, movimento desaparecido das obras tardias. A presença acadêmica do filósofo produziu o neologismo “Blumenbergology”, em circulação nos meios acadêmicos europeus.

O ensaio de Bettina Blumenberg, sob o título de “Uma questão de exposição”, encerra o dossiê. Lê-se um breve relato intelectual acerca do pensador, de viés reflexivo-literário, referindo-se inicialmente ao livro *Conceito em histórias* (1998), um dos textos mais pessoais de Blumenberg, destacando a passagem em que relembra o interesse do pai dele — avô de Bettina — pela fotografia: “processo do qual algo surgia do nada”, como se houvesse “algo de ‘insignificante’ a acelerar o ‘mito da criação’”; uma vez que Blumenberg “compreendia a câmara escura como uma imitação do estado do universo antes da criação do mundo”, como se ele (próprio) fosse “aquele que fazia aparecer um mundo”. Bettina declara que Blumenberg fora apaixonado pela técnica, pois “considerava as inovações técnicas menos por suas qualidades práticas do que por sua ideia, pelo fascínio da invenção, tal como por tudo quanto faz parte da pesquisa empírica de um homem de experiência cotidiana, da qual se seguem as teorias sobre a técnica”. A concepção blumenbergiana de invenção — se assim for possível nomeá-la — está registrada no ensaio “Algumas dificuldades para escrever uma história intelectual da técnica” (2009), em que, segundo Bettina, “a invenção é efetivamente inerente à interrogação, se podem haver objetos em geral que ainda não surgiram na natureza e que permitem habilidades e efeitos que não repousem sobre uma imitação da natureza, mas sempre sobre uma superação dela”. Blumenberg, “apaixonado amador das artes”, a propósito disso, Bettina escreve algumas considerações acerca da retrospectiva de Francis Bacon, na Alemanha, nos idos da década de sessenta do

século passado. Conclui o texto colocando-se sob a imaginação do pai para parafrasear Proust acerca da felicidade terrestre melhor satisfeita: “Pode dizer aquilo que vejo!”.

A seção Fluxo Contínuo compõe-se dos artigos: “Tiempo corporal y subjetividad en Merleau-Ponty”, assinado por Leonardo Verano Gamboa; “Construccionismo social y el sujeto libre: sobre negaciones y consecuencias”, de autoria de Pablo López-Silva e de Mauricio Otaíza e o artigo “Hermenéutica de si y fin de la *exomologesis*: Michel Foucault y la exclusión de la materialidad de la veridicción en el cristianismo”, de Agustín Colombo.

O presente número da *Revista de Filosofia Aurora* encerra-se com duas resenhas: uma do livro *Platão não estava doente* (M. Perine), assinada por Antonio José Romera Valverde; e outra sobre do livro *La rivoluzione ontológica di Hans Jonas: uno studio sulla genesi e il significato di 'Organizamo e libertà* (R. F. Tibaldeo), elaborada por Jelson Oliveira.

À boa leitura!

Bortolo Valle (PUCPR)

Antonio José Romera Valverde (PUC-SP)

Editores-Chefes

Léo Peruzzo Júnior (PUCPR)

Editor-Técnico